

Horácio Pina Prata: “falta a Coimbra uma política estratégica orientada para o investimento”

Homem ligado ao sector empresarial e às causas de Coimbra está, desde 2014, à frente da NERC – Associação Empresarial da Região de Coimbra. Horácio Pina Prata, engenheiro civil de formação, natural de Coimbra, mas com origens familiares em Seia, chegou a esta cidade ainda jovem. Licenciado pela Universidade de Coimbra, em 1987, mostrou, desde logo, a sua aptidão para o empreendedorismo criando várias empresas nas áreas da consultoria, construção e investimentos em sectores de tecnologia, do ensino digital e tecnológico e da formação profissional. Foi durante anos o mobilizador do projecto e principal rosto do IParque, empreendimento na área da inovação tecnológica. Agora quer voltar a dar o seu apoio, mobilizar e lutar pelos interesses das empresas e empresários, se eles o entenderem, que diz estarem esquecidos pelo poder público nesta fase muito difícil. Agora, afirma ser tempo “de dizer basta!”

SÓNIA PEREIRA

Campeão das Províncias [CP]: O tecido empresarial da região de Coimbra, nos últimos anos, tem ganhado algum fôlego. Como tem sido esse desenvolvimento?

Horácio Pina Prata [HPP]: A actividade empresarial na região de Coimbra tem tido uma alavanca importante em sectores estratégicos. Desde a área da inovação, a área da saúde e mesmo do próprio turismo. Até finais de 2019, o desenvolvimento da actividade empresarial e de criação de empresas dava uma perspectiva positiva. Infelizmente, o que aconteceu a partir de Março, está a dizimar o tecido empresarial. Se falarmos, por exemplo, na área da Saúde como um vector estratégico de Coimbra, o desenvolvimento tem sido positivo nesta fase, mas se pensarmos na questão do Turismo e similares, dos pequenos negócios e micro-empresas, do comércio local, os indicadores são muito complicados. É por isto que a NERC tomou uma posição da

“ Tem de haver um trabalho conjunto dos 19 municípios que fazem parte da Comunidade Intermunicipal da Região de Coimbra para salvar a economia. ”

necessidade do apoio público sobre o que consideramos essencial ao apoio empresarial nesta fase, já que as empresas têm sido o motor da criação de riqueza e do emprego do país e pagaram muitos impostos durante estes últimos anos, algo que o governo não pode esquecer. As câmaras municipais têm de ver as pequenas empresas como estratégicas, sob pena de terem nos seus territórios espaços desventrados, sem tecido empresarial, o que levará a problemas graves de

natureza social, criminalidade, emprego e de mobilização para atracção de investimento. Por isso mesmo, uma das questões que colocamos e propusemos é que deveria haver um plano de emergência para a região de Coimbra. Um exemplo analisado pela NERC foi o seguinte: segundo os indicadores da CIM da região de Coimbra, os 19 municípios têm entre 440 e 460 000 habitantes. Os orçamentos aprovados pelas câmaras municipais da região e pela CIM previam um montante de 10 milhões de euros para festas de fim-de-ano, jantares de Natal, concertos, fogos-de-artifício e outras iniciativas que agora são supérfluas e não poderão realizar-se. Assim, se dividirmos este montante pelos 460 000 habitantes dá cerca de 20 euros por pessoa. Se for emitido um “voucher cidadão” deste valor, para que seja gasto agora no Natal, apenas no comércio, similares, restauração e serviços locais iria permitir uma “almofada de sobrevivência” no tecido económico. Isto são iniciativas simples de fazer, decisões estratégicas que nesta fase são vitais, mas que exigem

liderança e governação. Caso não haja medidas adicionais de apoio à economia da região, no mínimo uma em cada cinco empresas de comércio fechará já em Janeiro.

CP: Como caracterizaria o tecido empresarial da região de Coimbra, pré-pandemia?

HPP: Coimbra por natureza, e a região, sempre teve uma envolvente pouco industrial, sendo um dos graves problemas que existe. Temos



Horácio Pina Prata quer defender os interesses dos empresários, apelando ao esforço conjunto das associações empresariais da região

alguns concelhos de Coimbra com indústrias, como o caso da Figueira da Foz. A situação do tecido económico, antes da pandemia, era deficitária a nível de atracção de investimento de natureza industrial. A indústria cria emprego. Outra passa por não vermos e não se enquadrar

“ Temos de nos mobilizar e estar preparados para lutar, não baixar os braços. Os empresários têm de continuar a acreditar e exigem que tenham apoios de natureza pública porque pagaram nos últimos anos muitos impostos ao estado. ”

a actividade ligada a um bem económico da região, que é a área da Saúde. Quando há uns anos foi criado o IParque esse era o objectivo: termos um espaço que atraísse empresas e investimentos estrangeiros de indústrias ligadas à Saúde. Outra vertente que teve um papel importante até ao final de 2019 foi o Turismo, Cultura e serviços acoplados. Houve de facto um “boom”, mas agora estamos com um grave problema, que é: houve um investimento forte na área do Turismo, “jogaram-se” as fichas todas neste sector e agora estamos estrategicamente dependentes de algo que não gera receitas. Como tenho sempre dito a aposta na indústria e na atracção de investimento estrangeiro é vital para o futuro.

CP: A oferta de emprego, na região de Coimbra, tem decrescido nos últimos anos?

HPP: Mesmo antes da pandemia já existiam dois factores que é preciso ter em conta. Por um lado, a oferta de emprego tem diminuído, mas por outro o nível de desemprego na região de Coimbra era dos menores. E isto deve-se ao facto de a maioria das pessoas na região de Coimbra estarem empregadas no sector público. O que se reflecte, tam-

para investimento estrangeiro? Peço, apenas, um exemplo, nos últimos anos, de um investimento estrangeiro relevante. Chegou a altura de falarmos. Não é com determinados tipos de promessas públicas, de iniciativas desgarradas, que vamos lá e que defendem as empresas. Por isso temos de ser exigentes, ter uma voz forte. Para dar exemplo, estamos a conseguir reunir as associações empresariais da região, para que de uma maneira objectiva consigamos ter estratégias globais, para defesa das empresas e empresários que não têm sido defendidos pelo poder local e porque Juntos somos mais fortes.

CP: E quais as mais-valias da região para as empresas?

HPP: A localização é fundamental. Ter uma ligação ao sector da Saúde é fundamental. Ter espaços e logística empresarial de atractividade é fundamental. Mas depois há coisas que Coimbra e a região perderam. Porque não defenderam, em tempo útil, uma nova liderança e concertação, sendo inadmissível não haver uma ligação de auto-estrada Coimbra-Viseu; não haver um IC6 que continue até à Serra da Estrela e que vá à Covilhã; que o porto da Figueira da Foz não tenha uma componente de águas profundas; não haver uma plataforma logística e empresarial, que foi defendida há alguns anos, para Sousaelas – Pampilhosa, em que faça a ligação em ferrovia da Figueira da Foz – Cantanhede – Pampilhosa e que aproveite a situação de ligação de mercadorias para a linha da Beira Alta e por essa via para a Europa. E vejo tudo a assobiar para o lado. Já para não falarmos da questão da infraestrutura aeroportuária, que seria fundamental. Coimbra deveria ter um aeroporto de nível comercial, não é um internacional. Recuperar o

“ Daqui a uns tempos, vamos ter os espaços industriais, vamos ter os armazéns, vamos ter lojas, mas não vamos ter pessoas a trabalhar. ”

aeródromo Bissaya Barreto para um aeroporto comercial, ou aeródromo comercial, algo que, nesta fase, Viseu ganhou. Esta infraestrutura iria desde já viabilizar o IParque e a relação das universidades com as empresas. Quanto a infraestrutura aeroportuária internacional devemos defender uma infraes-

trutura existente para que não haja perdas de oportunidades na região Centro.

CP: Esta falta de investimento nas empresas faz com que a população deixe de se fixar na região?

HPP: Os jovens não encontram oportunidades fortes na região de Coimbra e, por isso, vão para outros lados. Coimbra não tem atraído talentos. Existem algumas iniciativas de empresas mais tecnológicas que têm dinamizado a economia e o emprego, mas não é suficiente. Quem for ambicioso, quem quiser enquadramento de inovação e empresas industriais fortes não encontra em Coimbra a não ser raras excepções.

CP: Referiu que uma das soluções para a região seria apostar no sector da Saúde. Passará por aí o desenvolvimento do tecido empresarial?

HPP: O IParque nasceu com esse objectivo. Coimbra sempre perdeu, fruto de lideranças que não apostaram nesta situação e não ligaram este sector à ciência e tecnologia. O problema é que a Saúde, em Coimbra, não é vista como um bem económico e empresarial. É vista, apenas, como um serviço de dinheiro rápido e da relação doente/médico. Isto passa pelas tais atracções de investimento. Porque se a atracção de investimento focalizasse na área da Saúde, em áreas que envolvem sectores industriais ligados à Ciência da Vida, Saúde, à Ciência Tecnológica, Investigação e Inovação estaríamos no top. A Saúde lida com tudo, como estamos a ver, infelizmente, com esta pandemia: turismo de saúde; a questão do envelhecimento activo e saudável; farmacêuticas; produção e industrialização de mobiliário técnico; e outros equipamentos técnicos e tecnológicos, comércio e serviços de saúde, entre outros. Isto iria, inevita-

velmente, desenvolver outras áreas da economia, como o comércio, turismo e outros serviços. Coimbra não soube aproveitar e criou a política das “quintinhas” da Saúde espalhadas por aí, mas quando é preciso uma grande quinta, trabalhando todos em conjunto a bem da região, não há.